

**TRAMA - FESTIVAL DE ARTES PERFORMATIVAS
4ª EDIÇÃO**

QUINTA-FEIRA, 8 OUTUBRO

21h30

ATOM (Robert Henke & Christoph Bauder) [DE]

Local: Mosteiro de S. Bento da Vitória

ATOM representa a colaboração quase perfeita entre várias épocas inventivas que vão da roldana de Arquimedes até à programação sofisticada de cientistas como Robert Henke e Christopher Bauder. Esta performance consiste num movimento sincronizado entre uma matriz de balões e música – não menos cativante é a proximidade que o público pode ter com a instalação. São muitas as diferenças que distinguem este concerto dos muitos que usam este tipo de interacção entre música e imagem, mas a maior é sem dúvida a dimensão tridimensional desta experiência. Sessenta e quatro balões, cheios de hélio, presos a um sistema de roldanas e albergando cada um deles um LED (Light-Emitting Diode), reagem ao som controlado por Robert Henke, transformando-se numa escultura dinâmica, capaz de estimular os mais frágeis sentidos. As três partes que constituem “ATOM” dividem-se em Som, Luz e Movimento, sendo que as duas últimas reagem à primeira.

Os performers são dois dos mais importantes pioneiros na criação de software que permite facilitar aos artistas a apresentação em directo dos seus trabalhos. O alemão Henke é responsável pelo mais bem sucedido software de produção musical o Ableton – no início deste ano viu solidificar ainda mais este produto com a criação de um controlador midi desenhado apenas para o Ableton (Akai APC 40) – como músico, é reconhecido pela inebriante exploração sonora que mantém na proposta “Monolake”. Quando se fala de Monolake importa realçar não só a riqueza dos sons que se espalham nos vários temas, mas também a perfeita produção que torna esses sons em diamantes bem lapidados. É difícil definir o trabalho de Henke porque o tema central é a perfeição sonora e a partir daí apenas se pode fruir da experiência que cada um dos seus discos oferece. Colabora regularmente outros músicos e partilha com eles os inspirados momentos criativos (Deadbeat; Surgeon; Substance; Sleeparchive).

Christopher Bauder foi um dos cientistas que se viu envolvido nas teias que Henke teceu e desde 2007 tem vindo a aperfeiçoar a estrutura que movimenta os balões. É responsável pela criação do software que ajuda a manipular imagens ao vivo como o 3DJ ou o ToneLadder e aplica essa experiência em instalações como a que veio culminar nesta que se apresenta agora. No final de 2008 esta colaboração teve direito a um disco na editora de Robert Henke (Imbalance Computer Music), intitulado de Atom/Document.

ATOM é uma estreia absoluta em Portugal e com toda a certeza uma experiência que poucos quererão perder. É mais do que tudo um exercício de desconstrução que nos leva à essência da luz, do movimento, do som; acima de tudo à essência da colaboração, essencial para o funcionamento de qualquer máquina.

Mais info:

www.monolake.de/concerts/atom.html

www.monolake.de/concerts/gallery-atom.html

www.whitevoid.com

SEXTA-FEIRA, 9 OUTUBRO

21h30

FORCED ENTERTAINMENT [UK], com a peça "Spectacular"

Local: Auditório de Serralves

Um performer, sozinho, aparece no palco explicando que o espectáculo que estão a ver hoje está um pouco diferente. O ambiente está diferente, a sua entrada foi fora do tempo, as luzes não estão bem, faltam partes do cenário, há actores ausentes. Está tudo errado. As coisas estão a desmoronar-se, ou então só agora é que estão a bater certo. A reacção do público, diz o protagonista, não é bem o que ele estava à espera, não é bem aquela a que está habituado. Talvez o facto de ele estar vestido de esqueleto não ajude. Talvez seja por isso.

Íntimo e cómico, Spectacular dos Forced Entertainment conduz o público, de uma forma calma e sedutora, ao mundo de uma performance inexistente. O nosso anfitrião esqueleto parece à vontade com essa situação, relaxado, dizendo piadas, sendo conversador e amável. Mas de qualquer maneira, algo está errado. O facto da actriz que chega ao palco, representar uma morte numa cena longa, melodramática e agonizante talvez ajude a explicar a mudança de atmosfera.

Spectacular é sobre o agora da performance, a fronteira do riso, das possibilidades e invenções. É sobre a morte e brincar aos mortos, sobre o estranho contacto entre dois performers no palco e sobre um público apanhado entre o que estão a ver e o que lhes dizem.

Simultaneamente simples, lógico, absurdo, impossível e humorístico, Spectacular é o último trabalho – provocador e divertido - da companhia Forced Entertainment.

Conduzido pelo Director Artístico Tim Etchells, os Forced Entertainment têm ao longo de 25 anos lutado por encontrar novas formas performativas e teatrais para descrever a vida urbana contemporânea. Considerada pelo jornal The Guardian como "A mais brilhante companhia de teatro experimental Britânica", têm como característica fundamental o processo criativo de colaboração – construindo o seu trabalho ao longo de vários meses de improvisação e discussão. As suas obras não vêm da área do teatro, mas do cinema, da música, da cultura, literatura e artes plásticas. Por vezes desafiador, o trabalho é sempre engraçado e emotivo.

Embora permanecendo na cidade de Sheffield, continuam a fazer aclamadas digressões por todo mundo.

Mais info:

<http://www.forcedentertainment.com/>

No antigo edifício da RDP, na Rua Cândido dos Reis:

Das 23h00 às 03h00

SIGMUND SKARD [NO], projecções de vídeo-performances;

Partindo de propostas e acções muito simples, a obra de Sigmund Skard remete-nos para novas atitudes e aspectos do ambiente quotidiano, materializadas na forma de esculturas, performances, vídeos, fotografias e documentos. À simplicidade dos meios assiste um carácter fortemente conceptual e minimalista, frequentemente cruzados com elementos políticos e humorísticos.

Sigmund Skard pretende assim com a sua obra discutir condições humanas, o que funciona e o que falha. No entanto, o âmbito desta discussão é constantemente posto à prova, na medida em que a obra de Skard amplia o campo de possibilidades das relações que estabelecemos com as situações e objectos do dia-a-dia. A forma como somos surpreendidos com a sua obra é

simultaneamente um instrumento de activação de novas ligações ou de religações à vida quotidiana.

Sigmund Skard vive e trabalha em Valevåg e Oslo. Estudou na Escola de Artes de Rogaland e realizou o mestrado na Faculdade de Artes Visuais da Academia Nacional de Artes de Oslo. Realizou exposições individuais e performances em galerias e museus em Oslo e Stavanger e participou em exposições colectivas em vários espaços de arte na Noruega, em Manilla e em Barcelona.

Mais info:

www.sigmundskard.com

23h30

TORI WRÅNES [NO], com o projecto “Black Vulva”

A jovem artista Tori Wrånes terminou recentemente o seu mestrado na Academia Nacional de Artes de Oslo na Faculdade de Artes Visuais. O seu percurso passou também por estudos com a cantora e poetisa Sidsel Endresen e workshops com Meredith Monk.

Na formação de Wrånes encontramos já pistas sobre as formas que os seus trabalhos tomam. Em combinações várias eles fundem elementos de escultura, instalação, teatro, som, música ou performance. Através do uso de figurinos, elementos cénicos simples e exploração da voz, o corpo da artista torna-se assim a base de instalações esculturais dotadas de uma voz que se expressa pelo canto, apresentadas ao público durante breves e perturbadoras performances.

Wrånes trabalha frequentemente um certo carácter trágico da aparição, o fascínio e assombro que podemos encontrar no inesperado. Combinando os vários elementos presentes nas suas obras, A artista explora a suspensão destes efeitos, conduzindo o espectador a um espaço e tempos singulares, num território onde co-habitam a tensão dramática e a comicidade, a encenação e a voz despojada.

Tori Wrånes apresentou performances no Stenersen Museum e Astrup Fearnley Museum of Modern Art em Oslo, Kuntraum Kreuzber e Bethanien Gallery em Berlim e Palais de la Découverte (Paris). O seu trabalho “Himmelrote (Under Skyroot)” resultou de uma encomenda no âmbito Stavanger – Capital Europeia da Cultura 2008.

23h50

SIGMUND SKARD [NO] , com o projecto “Gsffawalk”

00h00

INSTITUT FÜR FEINMOTORIK [DE],

Institut Für Feinmotorik (IFF) é um colectivo de artistas fundado em 1997 que trabalha em diferentes meios e formatos como fotografia, vídeo, música, ilustração e programação, organiza eventos artístico-culturais, conferências e workshops, além de publicar livros, discos, etc. Uma das actividades principais dos IFF, formado por um núcleo duro de quatro elementos, desenvolve-se no domínio da arte acústica. A partir do octogrammoticum (um set-up composto por oito gira-discos, quatro dj mixers e um mixer final) compõem paisagens sonoras mecânicas e rítmicas, cruas e minimais com tudo o que possa ser colocado entre os gira-discos e a agulha. Tudo, excepto discos: o trabalho acústico dos IFF é o resultado de um processo de exploração de gira-discos preparados, à la John Cage, com vários objectos domésticos que podem ser borrachas, papel autocolante, fitas adesivas, entre outros, e cujas vibrações são transcritas pelo pick up do instrumento em sonoridades muito diferentes das produzidas em contextos convencionais.

PRESSE RELEASE

SERRALVES

Os discos de vinil são substituídos por outros objectos manipulados de vários modos, numa interpretação muito especial do DJing, onde a precisão motora se enfoca no instrumento, e não no material prensado nos discos. Os sons surgem, assim, da negação do objecto designado para o meio em que trabalham e o que emerge desta abordagem conceptual é, de certo modo, um fenómeno emergente negativo, que os IFF intitulam de “negemergence”.

A música minimalista de ritmos mecânicos de IFF surge frequentemente no contexto da música electrónica, porém é profundamente mecânica. A aproximação a estruturas e códigos da música digital electrónica é feita através de um importante instrumento da música electrónica de dança dispensando, contudo, os discos. Os IFF esperam, apesar da abordagem conceptual algo elaborada, que o resultado audível tenha mérito próprio e possa ser apreciado quase musicalmente. O objectivo parece ser a pesquisa quase laboratorial dos fenómenos acústicos em torno do instrumento, através da concentração na redução dos meios, de acordo com o mote “To make almost nothing out of almost nothing.”*

As performances do grupo não têm a ver, portanto, com a reprodução e manipulação de sons através de laptops. Os sons rítmicos, dinâmicos e pulsantes nascem da interacção em tempo-real com os gira-discos e os objectos, numa abordagem próxima da improvisação, que resulta em algo como 'turntablism' abstracto. Nenhuma peça musical dos IFF é reproduzível e, por isso, cada performance é um evento único, cuja estética é reconhecível graças à atitude purista radical do colectivo. Ao mesmo tempo, as apresentações são interpretadas como instalações de arte sonora.

Mais info:

<http://institut-fuer-feinmotorik.net/>

01h15

TORI WRÅNES [NO], com o projecto “Hello Glossalolia”

01h45

SIGMUND SKARD [NO] , com o projecto “Air Transport 2”

02h00

HHY & THE MACUMBAS [PT]

HHY & The Macumbas são constituídos pelo multi-instrumentista e produtor Jonathan Uliel Saldanha (HHY), membro da editora/colectivo Soopa, e pelo trompetista Álvaro Almeida (F.R.I.C.S.), o percussionista João Filipe (F.R.I.C.S.) e o baixista Rui Leal (Besta Bode).

O trabalho de HHY manifesta-se em numerosas formações e linguagens (o dub apocalíptico dos Mécanosphère, o psicadelismo marcial da F.R.I.C.S. e os beats do colectivo Faca Monstro, entre outros) e inclui colaborações com Mark Stewart, Adrian Sherwood e Raz Mesinai.

Com os The Macumbas, HHY explora os ritmos do voodoo haitiano e as suas propriedades paranormais, a pressão sonora do dub, e os densos ambientes das bandas sonoras de John Carpenter; os seus espectáculos ao vivo realizam uma invocação de dimensões simultaneamente musicais e fantasmagóricas.

HHY & The Macumbas irão editar em breve o 7" "Legba/Houmfort" na editora Soopa.

Mais info:

www.myspace.com/hhyscumclash

www.soopa.org

SÁBADO, 10 OUTUBRO

Das 12h00 às 24h00

PATRÍCIA PORTELA [PT], com o projecto "Audio Menus"

Local: Hotel Dom Henrique (Bar Panorâmico)

Uma série de peças radiofónicas para ouvir à hora do almoço, na hora do café ou aperitivo. Juntamente com o seu pedido e em troca de um B.I deixado no balcão, o espectador leva para a mesa uma história escolhida a partir de um menu com 88 possibilidades para ouvir (15' aproximadamente): instruções para chorar e para subir uma escada, discursos famosos, diários, literatura de autores queridos, dicas do dia-a-dia para lidar com pequenos problemas domésticos ou situações complicadas...

Patrícia Portela

Nasceu a 16 de Março de 1974.

Bacharelato em realização plástica do espectáculo na ESTC em Lisboa, MA of Arts in Scenography na Faculty of Theatre the Utrecht e Central St. Martins College of Art (1996), European Film College na Dinamarca (2000).

Frequentou a pós-graduação Arts Performance and Theatricality na APT em Antuérpia em 2002.

Desde 2003 que o seu o foco principal é a relação entre tempo e espaço, virtualidade e realidade nas artes performativas e na vida quotidiana através do texto e da linguagem, e do uso da tecnologia em "palco". Escreveu, desenhou e coordenou várias performances como "Wasteband", 2003 (Prémio Reposição Teatro na Década e Menção Honrosa do Prémio Acarte/Madalena de Azeredo Perdigão) , "Flatland I" 2004 (prémio Madalena de Azeredo Perdigão 2004) , Trilogia Flatland (Menção especial Prémio da Crítica Portuguesa 2006), Odilia 2006, ou o Banquete 2007(no topten dos melhores espectáculos do ano pela crítica belga).

Doseia o seu trabalho de pesquisa na Prado escrevendo e colaborando com outros artistas como Rui Horta (monólogos do Oriente, F.C.G 2002), Hotel Ideal (Laika em Antuérpia) Babbot para Tiago Rodrigues (mundo perfeito – Culturgest 2006), Escudos Humanos (projecto Panos – Culturgest 2008) ou "Anita vai a Nada"(teatro Praga, Viriato 2008) e com as Companhias de Teatro independentes como o Teatro da Garagem e Teatro Meridional, entre outras colaborações criativas nomeadamente no cinema.

Publicou desde 1998 4 livros: "Operação cardume rosa" (Fenda 1998), "Se não bigo não digo" (Fenda 1999), "Odília" (Caminho 2007), "Para cima e não para Norte (Caminho 2008).

15h00

CRISTIAN CHIRONI [IT] , com a peça "Poster" - Oporto version

Local: NEC (Fábrica Social)

Poster parte de uma série de sete fotografias de diferentes clubes desportivos, retirados de um álbum de família. O discurso performativo intervém aqui como elo de ligação, graças à utilização de tableaux vivants.

Um mesmo jogador surge incluído em fotografias de diferentes clubes em diferentes anos, e sobre ele se coloca Cristian Chironi - tornando-se imagem. Poster situa-se assim na fronteira entre o corpo e a imagem, a realidade e a ficção, o presente e o passado, o movimento e a imobilidade. Na versão portuguesa Chironi olha o significado político e social do jogo.

Num jogo de futebol, os usos e costumes não são fruto do acaso, tanto mais que as paixões populares demonstram usualmente inventividade e sentimento de pertença.

Poster chama a atenção para estas questões.

Cristian Chironi

Artista plástico e performer desde 1998, Cristian Chironi (Nuoro 1974) vive e trabalha em Itália. Licenciado pela Academia de Belas Artes de Bolonha, explora vários géneros e mistura media incluindo a performance, a fotografia, o vídeo, o desenho, a arte pública e as intervenções site-specific. O seu trabalho deseja conectar ideias e conceitos tão distintos quanto a realidade e a ficção, a memória e o presente, a figura e a imagem, o material e o imaterial, o conflito e a integração.

Exposições individuais (selecção): 2009 Art Fall 09, Padiglione d'Arte Contemporanea di Palazzo Massari, Ferrara, Itália; 2008 Propp, Galleria Placentia Arte, Piacenza, Itália.

Exposições colectivas (selecção): 2009 Rereading the Image - Photography as storage of meaning (Italy 1970-2009), Prague Biennial Art 4, Karlin Hall, Praga, CZ; 2009 Kurye - To Bring International Videos To Istanbul, Akbank Sanat e Istanbul Bilgi University, Istanbul, Turquia; 2008 Back to the present, Appetite Gallery, Buenos Aires, Argentina; 2008 Soft Cell: dinamiche nello spazio in Italy, GC.AC Monfalcone (GO), Itália; 2006 SS9 - Strade BluArte, GAM, Bolonha; Galleria Comunale di San Pietro Terme, Castel San Pietro Terme, Itália; Pinacoteca Comunale di Imola, Imola, Itália; 2002 Casa dolce Casa, MAN - Museo Arte Provincia di Nuoro, Nuoro, Itália.

Performances (selecção): Carta Bianca, Scène Nationale, Chambéry et de la Savoie, França; Mirfestival, Akis Davis Theatre, Atenas, Grécia; 2008 transACTION, Muffatwerk, Munique, Alemanha; Uovo performing arts festival, Superstudio Più, Milão, Itália; Plateaux Festival, Neu Positions in International Performing Arts, Mousonturm, Frankfurt, Alemanha; Living Room, Raum/Xing, Bolonha, Itália.

Produção: Xing/Raum, co-produção Plateaux para a versão alemã; Mir Festival para a versão grega e Festival Trama para a versão portuguesa

Apoiado por Movin Up
2006-2009

Mais info:

www.cristianchironi.it

17h00

JÉRÔME BEL [FR], com o filme "Veronique Doisneau"

Local: Passos Manuel

"Véronique Doisneau" (2004)

Jérôme Bel

DVD, cor, sonoro, 37'

Falado em francês com legendas em inglês

Convidado para fazer uma peça para o ballet da Opéra National de Paris pela directora Brigitte Lefèvre, Jérôme Bel encenou uma espécie de documentário teatral sobre o trabalho de uma das bailarinas: Véronique Doisneau.

A bailarina, próxima da reforma, sozinha no palco, analisa de forma retrospectiva e subjectivamente a sua própria carreira naquela instituição.

"De facto, eu não fiz nada mais do que propor um mecanismo que permitisse a produção de um discurso sobre esta bailarina.

É isto que me interessa neste momento: ouvir uma experiência singular e devolvê-la ao público" (Jérôme Bel).

Este filme foi realizado durante a última apresentação da peça em palco no Palais Garnier.

Véronique Doisneau

Na hierarquia da Opéra National de Paris (quadrille, choryphée, sujet, premier danseur e étoile), Véronique Doisneau é um sujet do corpo de baile.

Doisneau iniciou os seus estudos de dança clássica em 1971 no Conservatoire National d'Orléans. Em 1979 entrou para o Conservatoire National Supérieur de Musique et de Danse de Paris.

Foi contratada para o corpo de ballet da Opéra National de Paris como quadrille em 1981. Tornou-se uma choryphée em 1983, e depois sujet em 1987.

Dançou papéis de solista ou de étoile, em todas as criações e reposições de peças clássicas do corpo de baile da Opéra National de Paris, assim como em todas as criações principais desses anos (Twyla Tharp, Maguy Marin, Merce Cunningham...).

Desde 2005 que está reformada do corpo de baile e é professora na Escola da Opéra National de Paris.

18h30

SIGMUND SKARD [NO], com o projecto "I need.."

Local: Museu de Serralves

19h00

FORCED ENTERTAINMENT [UK], com a peça "Spectacular"

Local: Auditório de Serralves

22h00

JULIANA SNAPPER [US], com o projecto "you who will emerge from the flood... (An Underwater Operella)

Local: Clube Fluvial Portuense (Piscinas)

Juliana Snapper viveu desde a infância embrenhada nas teias do meio da ópera. A mãe desta artista norte-americana era cantora de ópera, o que acabou por levar a que Juliana iniciasse os seus estudos vocais muito cedo e também um contacto próximo com toda a engrenagem da indústria que sustenta o universo da ópera tradicional. A rebelião da jovem cantora contra o conservatório e as formas tradicionais da ópera, limitadas nas suas possibilidades exploratórias pela estrutura rígida e o mercado cultural, teve início quando ainda estudava no Conservatório de Oberlin, Califórnia, e veio alavancar a dedicação de Juliana Snapper a um trabalho de reflexão e experimentação sobre a natureza da voz humana e sobre as possibilidades físicas e expressivas do corpo que canta, tendo a voz operática como centro desta investigação e prática artísticas. "Estou a tentar encontrar formas de fazer o meu instrumento funcionar de maneira diferente, formas de mudar a relação entre mim e o meu instrumento, e de fazer sons diferentes com ele", afirma Snapper, que descreve o seu estilo como "ópera radical".

Ao longo do seu percurso artístico, Juliana Snapper tem vindo a explorar situações extremas, como a associação ao performer Ron Athey na peça "Judas Cradle", em que cantava pendurada de cabeça para baixo até à sua voz entrar em colapso. Várias das suas colaborações recentes jogam com a sobreposição de motivos relacionados com o virtuosismo e a monstrosidade, combinando a elasticidade das vocalizações com o processamento electrónico, a performance ao vivo e a video-performance.

A solo e em colaboração, Snapper associa as novas técnicas vocais, de composição e improvisação a formatos e dinâmicas intermedia, resultando em trabalhos que "se situam desconfortavelmente entre disciplinas".

"You Who Will Emerge From The Flood..." procede desta linha de trabalho em que Juliana Snapper explora os limites da tecnologia da voz. Este projecto de ópera realizado debaixo de água, adaptável a lugares tão diferentes como uma banheira, um tanque, uma piscina ou uma gruta no mar, é o primeiro trabalho onde alguém canta directamente para a água. Juliana

Snapper explica: “Cantar ópera é algo de muito físico. O que eu estou a fazer necessita da intensidade e exactidão do canto operático – seria difícil cantar ‘country’ debaixo de água por exemplo. “O canto operático é um fluxo firme de sons que se vai tornando mais e mais poderoso. O que eu faço é uma mutação da ópera – levando-a mais longe.”

Durante um período de workshops experimentais no Aksioma Institute of Contemporary Art e no Museu de Arte Moderna de Nova Iorque, desenvolveu técnicas que permitem maximizar a condução sonora óssea e controlar a saída de bolhas de ar para as integrar no seu aparelho vocal. Em “You Who Will Emerge From The Flood...” Snapper fundiu estas novas técnicas vocais com figuras barrocas que representam o desejo e a paixão humanas como aspectos das condições meteorológicas, sondando a nossa relação incerta com a água em momentos de crise e sobrecarga emocional. Sons pré-gravados de bolsas de bolhas de ar oceânicas e cantos de pássaros vibram acima da água enquanto a voz de Snapper (amplificada por microfones à prova de água) força o seu lugar neste manto sonoro. A paisagem sonora é ainda engrandecida no final da performance com a participação de um coro local (que no Trama será constituído por membros do Ensemble Vocal Pro Música) que contribui com as diferentes texturas da interacção vocal dos seus membros, em parte escritas e em parte improvisadas.

No trabalho de Juliana Snapper podemos encontrar uma linha que descende das explorações vocais que desempenharam um papel central na evolução das novas músicas durante a segunda metade do século XX: o desbravar do ‘grão da voz’, do significante enigmático que subsiste à veiculação de um discurso ou de um objecto musical idealizado para uma apreciação estética; a exploração daquilo que está para além linguagem verbal ou musical, e que se liga de forma misteriosa ao corpo que canta.

Desde 2004, Juliana Snapper tem apresentado o seu trabalho em instituições como a PS1/MoMA e Guggenheim Museum em Nova Iorque, ou o Armand Hammer Museum em Los Angeles. Os seus projectos foram apoiados por bolsas e subsídios da Metropolitan Opera Foundation, British Arts Council, Center for Research in Computing in the Arts e Durfee Foundation. Realizou performances em numerosos festivais internacionais, entre os quais City of Women (Liubliana), Performa 05 (Nova Iorque), Ojai Music Festival (Ojai, California), Fierce! Festival (Birmingham, RU), e Sounds French (Nova Iorque). Actualmente, encontra-se a completar o doutoramento em musicologia pela Universidade da Califórnia, San Diego.

Mais info:

www.julianasnapper.com

00h00

KK NULL [DE]

Local: Bar Passos Manuel

A práticas artísticas ligadas ao ‘noise’ surgiram no final dos anos 1970 e início dos anos 1980. Vieram incorporar vários conceitos pós-modernistas de ruptura com concepções dialécticas ou idealistas e de dessacralização cultural e social, recorrentemente através de estratégias de excesso, de abuso e de confronto entre conceitos radicados num vasto espectro de culturas e da história, sem olhar a quaisquer tabus ou necessidade de coerência. As matérias primas sonoras usadas são tanto musicais como não-musicais, mas abordadas e transformadas de forma a transbordarem para fora de formatos musicais tradicionais. Especialmente no ‘noise’ oriundo do Japão (e em algumas vertentes ocidentais) é notório o empenho em manter o ‘noise’ enquanto ruído (noise), num exercício constante de se excluir da musicalidade que vai conquistando o seu território pela cristalização de formas e pelos processos de aculturação. Ele vive da sua indisponibilidade para se tornar música ou mesmo o seu contraponto. Um ‘noise’ que se quer exterior a conceitos de musicalidade, em mutação contínua, em movimento perpétuo, sem território preciso, e assim sempre heterogéneo e ambíguo. Esta força motriz artística vemos aplicada à instrumentação, à produção, aos formatos e também à forma como se disponibiliza

PRESSE RELEASE

SERRALVES

ao público (como p.e., a enorme, quase absurda, quantidade de discos, muitos em edições que não ultrapassam os 100 exemplares).

A qualidade informe do 'noise', a maneira como escapa às tentativas de o enformar num discurso, vem conferir-lhe também um carácter extremamente material. E. simultaneamente. aproxima-o da performance, na forma como nos coloca perante uma presença, deixando o seu material apenas ser, fora de qualquer regra, porque surge de um excesso extremo de regras que apontam em todas as direcções.

Um dos nomes fundamentais do 'noise' japonês é KK Null, ao lado de Merzbow, C.C.C.C., Masonna, Incapacitants, Gerogerigegege, Hanatarash, entre outros.

Natural de Tóquio, onde nasceu em 1961, KK Null (Kazuyuki Kishino) é, desde os anos 1980, uma referência e um nome de culto do 'noise', dos extremos mais duros do rock e da música experimental.

Após breves estudos de Butoh nos workshops "Mai-Juku" do coreógrafo e performer Min Tanaka em 1981, Kishino iniciou a sua carreira musical com improvisações na guitarra que apresentava nos clubes de Tóquio.

Ainda nos anos 1980, viria a colaborar com Merzbow e com Tatsuya Yoshida (dos Ruins) e Masashi Kitamura na banda YBO2. Fundou o trio de 'noise/rock' Absolut Null Punkt e a banda Geva2 com Yoshida e Yamatsuka Eye (Boredoms). Em 1985, criou a sua própria editora, a Nux Organization, onde foram lançados trabalhos de bandas como os Melt-Banana e Space Streakings. Foi ainda produtor da série de compilações com bandas japonesas "Dead Tech" que contribuíram de forma decisiva para o reconhecimento internacional da música alternativa japonesa desde o início dos anos 1990 até aos nossos dias.

KK Null tornar-se-ia ainda conhecido enquanto mentor, guitarrista e vocalista dos Zeni Geva, banda de rock hardcore progressivo, com albums produzidos por Steve Albini, duas gravações para as John Peel Sessions da BBC e extensas tournés pela Europa, EUA, Austrália e Japão.

Ao longo da sua longa carreira, KK Null teve colaborações com importantes nomes da música experimental e improvisada como Z'ev, Chris Watson, Daniel Menche, Keiji Haino, Seiichi Yamamoto, Jon Rose, Philip Smartziz, Alexei Borisov, John Zorn, Jim O'Rourke, Zbignew Karkowski ou Fred Frith entre muitos outros. Foi convidado a participar em festivais internacionais como o Sonar (Barcelona), Beyonde Innocence (Kobe/Osaka), Exiles (Berlim), International Sound Art Festival (Cidade do México), Totally Huge New Music Festival (Perth, Austrália), Avanto (Helsínquia), All Tomorrow's Parties (Inglaterra), International Festival Musique Actuelle (Victoriaville, Canadá), Presences Électronique (Paris), entre inúmeros outros.

Nas suas performances a solo, KK Null tem vindo a abandonar a guitarra enquanto seu instrumento de eleição ao longo de vinte anos, para se dedicar a explorações no território da electrónica, criando intensas ondas sonoras de 'noise', ambientes electroacústicos, desconstruções rítmicas, esculturas sonoras ou 'drones' que poderiam ser descritos como "noise cósmico maximal/minimalista".

Mais info:

<http://www.kknull.com/>

<http://www.myspace.com/00knull>

colaboração:

Friendly Virus

01h00

SOFT CIRCLE [US]

Local: Bar Maus Hábitos

"Full Bloom" é o título do álbum de estreia do projecto Soft Circle, editado em 2007. A imagem de exuberância radiante a que este título alude no florescimento vigoroso estará próxima do sentimento que nos assalta quando ouvimos a música que o seu autor, Hisham Akira Bharoocha, produz. Um estado de intoxicação inebriante que partilha tonalidades emocionais com certos estados de transe, ou com uma luminosidade psicadélica de libertação espiritual. Soft Circle começou como projecto a solo, integrando actualmente a colaboração de Ben Vida

PRESSE RELEASE

SERRALVES

(Town and Country/Bird Show). Propulsionado pelo fascínio pela repetição, pelos ritmos cíclicos, assenta numa metodologia que passa pela gravação ao vivo de loops, enriquecidos e consolidados por vagas vocais e electrónicas e pela forte presença das batidas de percussão.

Praticante de meditação, Bharoocha pretende que a sua música incorpore a sensação de plenitude associada a esta prática. Assim, nas suas performances ao vivo podemos verificar um encontro explosivo entre corpo e espírito. À medida que Bharoocha se entrega ao tribalismo rítmico e à construção de texturas ambientais, embarcamos com ele numa viagem onde o interior e exterior se vão fundindo numa presença que é simultaneamente expansiva na sua energia absorvente e contagiante, mas também isolacionista na medida em que nos leva até um lugar onde nos alheamos de tudo o que está à volta. Somos convidados a penetrar a superfície da forma repetitiva e assim mergulhar no universo enigmático das nuances, do infinito inscrito no infinitesimal. Partimos em direcção a lugares partilhados por rituais que atravessam a história da humanidade, sublinham a complexidade da natureza humana, espelhada numa relação indecifrável com a produção e percepção musical.

Com ascendência do Japão e de Myanmar, Hisham Bharoocha cresceu entre o Oriente e o Ocidente, entre Tóquio, o Canadá e os Estados Unidos, para onde foi estudar fotografia. Talvez daqui resulte um certo carácter panmusical para o qual contribuem influências de punk, metal, folk, hip-hop, reggae, noise e música experimental. Vestígios de todos estes estilos emergem à superfície da sua música.

Na Rhode Island School of Design e na cena musical de Brooklyn, encontrou um terreno fértil para colaborações musicais tendo estado ligado à fundação de grupos como os Lightning Bolt ou os Black Dice (onde deixou como marca a fluidez aquosa que podemos testemunhar em discos como "Beaches and Canyons").

Integra o projecto de discopunk Pixeltan e foi director musical do lendário concerto 77 BOADRUM, uma composição musical para os japoneses Boredoms que envolveu 77 bateristas em 2007, bem como da 88 BOADRUM em 2008, com 88 bateristas a tocarem com os Boredoms em Los Angeles e com os Gang Gang Dance em Nova Iorque, no mesmo dia.

Realizou tournées com os Lichens e Grizzly Bear, mas o Tonic em Nova Iorque será o lugar onde mais facilmente podemos encontrar Bharoocha a tocar.

Enquanto artista visual, dedica-se à fotografia, desenho, colagens e realização de murais. Na sua obra visual são manifestos os paralelismos com o seu trabalho musical, nomeadamente o brilho psicadélico, a saturação e os padrões rítmicos estonteantes.

Mais info:

www.myspace.com/softcircle

<http://hishamb.net>

02h00

SIR ALICE (FR)

Local: Bar Passos Manuel

A francesa Alice Daquet cruza vários universos cujo denominador comum é a música, ou antes, o som. Com apenas 25 anos e um diagnóstico reservado de extrema esquizofrenia artística, tem experimentado desde instalações multimédia, a performances "body art", passando pela pesquisa sonora, sem esquecer a sua banda punk da adolescência. Alice cria instalações sonoras e performances, colabora com coreógrafos, vídeo artistas, entre outros. Passou dois anos no laboratório de percepção e cognição musical do IRCAM (Institut de Recherche et Coordination Acoustique/Musique), onde agora cria sensores e desenvolve programas para as suas performances. Ainda no domínio da pesquisa sonora, participa regularmente em conferências sobre novas tecnologias interactivas com aplicações na performance.

A sedução exalada pelas suas actuações resulta da boa comunicação entre todas as partes do seu complexo organismo sensorial. Por mais exagerada que pareça a sua posição em palco, sob o nome Sir Alice, mistura sem esforço todo o espectro da actividade sonora, desde o mais

PRESSE RELEASE

SERRALVES

experimental ruído até ao mais vulgar “beat” produzindo um tipo de “no wave” “digital-punk” negro e abrasivo. Estas referências estão bem explícitas desde o primeiro EP lançado em 2004 pela editora francesa Tigersushi (a mesma que tem nos seus catálogos trunfos como K.I.M; Principles Of Geometry; Joakim; Dirty Soundsystem).

Nestes registos, continua a sua tradição desenvergonhada de ruído e agressão, criando um cenário sem subtilezas ao qual junta a voz crua, quase completamente alheia à melodia.

Vamos imaginar uma festa despida de pudores entre a People Like Us, Cobra Killer, Angie Reed e Mariola Brillowska. O resultado desse cenário é algo tão catastrófico como um pinóquio digital, uma força viral cujos efeitos fazem corar o mais corajoso espirro.

Sir Alice é uma verdadeira performer. Daquet encarna as suas criações, tornando-se o meio que ajuda à compreensão da sua música.

Mais info:

www.myspace.com/siralice

www.tigersushi.com

02h30

DJ MR.MUECK (The Durian Brothers / IFF) [DE]

Local: Bar Passos Manuel

Mr.Mueck é membro do grupo de ‘turntablism’ experimental Institut Für Feinmotorik e co-fundador com o músico e produtor de house minimal Antonelli Electric do projecto The Durian Brothers.

É dj residente e agente no clube de Düsseldorf Salon des Amateurs, tendo uma larga experiência no campo do techno minimal e electrónica experimental. Podemos encontra-lo frequentemente nas noites de Zurique (Dachkantine, Rohstofflager, etc.), Basileia, Colónia, Berlim, etc.

Durante o ano passado Mr. Mueck começou a desenvolver uma visão pessoal para as suas sessões de djing onde paisagens sonoras ruidosas e percussão étnica (tambores africanos, percussão sufi marroquina, etc.) se combinam e evoluem para algo que se poderia denominar ‘afro-noise’ ou ‘tribal rhythm’n’noise’.

02h30

BLACKSUGU [PT]

Local: Bar Maus Hábitos

Blacksugu são BlackBambi (Miguel Bonneville) e DJ Sugo (Susana Guardado), dupla que surge a meio de 2007, encontro resultante de uma residência artística onde a música se tornou o ponto de cruzamento entre a performance e as artes visuais. As festas Blacksugu têm como base conceitos de liberdade e improvisação, em que DJ, MC e música ‘old school’, pop e electrónica servem para transformar a noite num estado de constante revolução.

Mais info:

<http://www.myspace.com/blacksugu>

DOMINGO, 11 OUTUBRO

15h00

CRISTIAN CHIRONI [IT], com a peça "Poster" – Oporto version
Local: NEC (Fábrica Social)

15h40

TORI WRÅNES [NO], com o projecto "Zombie Requiem"
Local: NEC (Fábrica Social)

16h30

JOANA CRAVEIRO / JOÃO PAULO SERAFIM / GONÇALO ALEGRIA [PT], com a peça "Passeio ao Norte, 1963"
Local: ESMAE (sala preta)

Sabemos que o passado não é recuperável. Decidimos então recuperar aquilo que nos parece ser a única coisa que fica: a construção mais ou menos ficcional desse passado; e contribuir com aquilo que podemos: a revisitação do mesmo hoje. Passeio ao Norte, 1963 é a tentativa de recuperação da memória de uma viagem que há muito se desvaneceu na mente dos que a fizeram. A partir de 12 fotografias da viagem de uma família, que documentam de forma inexacta um percurso, Passeio ao Norte, 1963 é uma reflexão acerca de porquê guardarmos o que guardamos, e como cuidamos dos nossos objectos da memória. É também um trabalho que se funda numa tentativa de definição do que é documentar perfeitamente uma viagem.

Este é um trabalho de colaboração entre três criadores que aqui convocam os seus contributos únicos – da imagem ao texto, do desenho à interpretação, Passeio ao Norte, 1963 constrói-se a partir de um conjunto de perguntas que nos fizemos ao depararmos com as 12 fotografias que são o mote deste espectáculo.

Joana Craveiro

Nasceu em Lisboa em 1974. Tem o Master of Drama em Encenação pela Royal Scottish Academy of Music and Drama. Co-fundadora do Teatro do Vestido, companhia que dirige desde 2001, e que trabalha actualmente na sua 12ª criação. Tem trabalhado como dramaturga, dramaturgista, actriz, encenadora e professora em diversos projectos em Portugal, e na Escócia. Participou na 2ª edição do Curso de Encenação do Programa Gulbenkian Criatividade e Criação Artística, dirigido por Alexander Kelly, da companhia britânica Third Angel. Foi uma das artistas residentes do Sítio das Artes, no Centro de Arte Moderna José Azeredo Perdigão, inserido no fórum cultural O Estado do Mundo, em Junho e Julho de 2007, tendo desenvolvido o projecto performativo e de investigação Desaparecimento de uma Cidade. Estudou em 2008 com a companhia de performance Goat Island, em Chicago, e em 2009 com os antigos membros dessa companhia, Matthew Goulish, Lin Hixon e Mark Jeffery. É actualmente professora na Escola Superior de Artes e Design, nas Caldas da Rainha. O trabalho que tem desenvolvido reflecte a procura de estruturas dramáticas, a criação em colaboração, a utilização da investigação na criação performativa bem como a utilização e transformação da autobiografia enquanto material de trabalho.

João Paulo Serafim

Nasceu em Paris em 1974, realizou a sua formação académica em Fotografia e Artes Plásticas no Ar.Co, escola onde lecciona no Departamento de Fotografia desde 1998. Fez o Curso de

Fotografia do programa Gulbenkian Criatividade e Criação Artística Paralelamente tem-se apresentado em mostras individuais e colectivas em Portugal e no estrangeiro. O seu trabalho aborda questões, como a percepção da imagem, a noção de escala e a vivência da memória que as imagens acarretam.

Gonçalo Alegria

Nasceu em 1976 em Lisboa, fez o Curso de Artes da Performance interdisciplinares e tecnológicas do programa Gulbenkian Criatividade e Criação Artística, frequentou Ilustração no ar.co, é músico, auto-didacta. Co-fundador do Teatro do Vestido. Trabalha como Iluminador, Cenógrafo, Músico, Performer e Professor.

Mais info:

<http://miiac.com/>

<http://teatrodivestido.org/blog/>

17h30

MARCIA FARQUHAR [UK], com a peça "Acts of Clothing"

Local: Culturgest

Dez anos e muitas roupas passaram desde que Marcia Farquhar apresentou a sua muito apreciada performance Acts of Clothing, na qual apresentou uma vida de roupas antigas, passando cada um dos modelos numa passerelle construída para o efeito. Farquhar revisita esta performance seminal, vestindo, despindo, discutindo e pondo de lado roupas da sua vida passada e presente, penduradas num chariot. O significado social e pessoal destas peças é tido em conta e analisado. A performance - que promete ser intensa, precária e humorística - é provável que passe do semiótico para o sentimental, e vice-versa, numa velocidade de partir o pescoço.

A performance inicia-se com Farquhar no seu famoso vestido de flamenco. Conjurando as suas ascendências Espanholas e Escocesas, este vestido é feito com tartan do clan Farquhar. A artista e o seu vestido irão fazer o seu debut de Escocesa enquanto esta tenta colocar as suas origens em perspectiva, dançando um par de danças mal ensaiadas.

As performances de Marcia Farquhar têm lugar em museus, galerias e em espaços site-specific. A sua prática engloba pintura, objectos, fotografia, engenharia social, monólogos e escrita. Grande parte do seu trabalho tem-se centrado em contar e recontar histórias privadas e públicas. No seu trabalho performático todas as improvisações emergem enquanto desvios de scripts pré-concebidos.

Com formação na área da pintura, escultura e história de arte, obteve em 1998 o grau de Mestre na Slade School of Art, no departamento dirigido por Stuart Brisley.

Marcia Farquhar

As performances de Marcia Farquhar têm lugar em museus, galerias e em espaços site-specific. A sua prática engloba pintura, objectos, fotografia, engenharia social, monólogos e escrita. Grande parte do seu trabalho tem-se centrado em contar e recontar histórias privadas e públicas. No seu trabalho performático todas as improvisações emergem enquanto desvios de scripts pré-concebidos.

Com formação na área da pintura, escultura e história de arte, obteve em 1998 o grau de Mestre na Slade School of Art, no departamento dirigido por Stuart Brisley.

Mais info:

<http://www.marciafarquhar.com>

19h30

MIGUEL PEREIRA [UK], com a peça "11 de Outubro, Teatro do Campo Alegre"

Local: Teatro do Campo Alegre

que temos, que fazemos, que vemos, que pensamos, que queremos ver e que habitualmente nos é oferecido.

É à procura de uma zona alternativa ao espaço imposto pela sua categorização, que busco novas possibilidades de comunicar, podendo ajustar a sua verdadeira função a novas questões, necessidades e urgências.

Romper com as expectativas, com os códigos, os mitos e a ordem, e subvertê-los. Deslizar os sentidos, os conteúdos, e procurar uma nova plataforma de entendimento. Criar, partindo daquilo que supostamente não é visto, não é aceite, e que se considera inútil ou do domínio do "nada".

Miguel Pereira

Estudou dança em Lisboa no Conservatório Nacional e na Escola Superior de Dança e foi bolseiro em Paris, Nova Iorque e Amesterdão. Como intérprete trabalhou para, entre outros, Francisco Camacho e Vera Mantero e participou no projecto "Shirtologia" de Jérôme Bel.

Do seu trabalho como criador destaca "Antonio Miguel" (2000), prémio revelação José Ribeiro da Fonte 2000 do Ministério da Cultura, "Notas Para Um Espectáculo Invisível"(2001) , "Data/Local"(2002), "Corpo de Baile"(2005), "Miguel Meets Karima"(2006) e "DOO"(2008), assim como as duas criações que fez para a Transitions Dance Company, "Transitions" e "Transitions 2", companhia residente no Laban Centre em Londres.

È convidado regularmente para leccionar workshops e o seu trabalho tem sido apresentado em Portugal e no estrangeiro.

Mais info:

<http://www.orumodofumo.com/>